

## Entre A Cruz e O Punhal

As Canções: Composições do Rei Davi—Parte 10

Salmo 46

### Introdução

Mais de um século atrás, houve uma crise econômica nos Estados Unidos que ficou conhecida como o Pânico dos Banqueiros de 1907. A crise financeira afetou muitas indústrias, como você pode imaginar, e os efeitos prolongados desse tumulto econômico foram sentidos em várias regiões do país.

A falta de fundos causou uma disputa entre empresas de mineração de cobre e os seus empregados. Eles eram mal pagos e as condições de serviço eram miseráveis. Então, esses empregados se organizaram em cooperativas e foram até à administração da empresa com uma lista de exigências por melhor salário e condições de serviço. A empresa recusou atender às tais demandas e retaliou, afirmando que qualquer empregado que reclamasse seria demitido.

Desta feita, os trabalhadores se viram diante de um difícil dilema: eles ou escolheriam continuar trabalhando nas pedras da mina, ou perderiam seus empregos, complicando ainda mais a situação. Conforme um dos empregados disse: “Nós estamos entre a cruz e o punhal.”

Estar “entre a cruz e o punhal” significa estar preso entre duas opções e nenhuma das duas é, de

fato, uma que você deseja. Existem épocas em que somos confrontados com nossa absoluta incapacidade e fraqueza diante dos obstáculos que a vida nos apresenta.

Conforme um autor escreveu: “Podemos até negá-la, podemos mascará-la, podemos fingi-la e podemos até ignorá-la. Contudo, a verdade insistente permanece: somos criaturas fracas. Por sermos pecaminosos, fracassamos; por pendermos à doença, nos machucamos; sendo mortais, nos desgastamos, a pressão pesa, a ansiedade causa úlceras, pessoas nos intimidam, críticas nos ofendem e dificuldades nos perseguem.”<sup>1</sup>

Que escolha temos, de fato, nessas situações em que nos encontramos entre a cruz e o punhal?

Deixe-me sugerir que você abra o seu Hinário Hebraico, que fica no meio de sua Bíblia, e comece a tomar o que um autor chamou de “uma boa dose de Salmo 46.”<sup>2</sup>

Esse Salmo é conhecido por muitas pessoas como o Salmo de Martinho Lutero porque as primeiras palavras deste Salmo lhe serviram de inspiração para compor o famoso hino *Castelo Forte*—“Castelo forte é o nosso Deus / espada e bom escudo / com seu poder defende os seus / em todo transe agudo.”

Martinho Lutero lutou contra a liderança da Igreja Católica Romana e contra o próprio papa. Como você imagina, viu-se cercado de ameaças e pressões de todos os tipos por sustentar que a justificação era pela fé somente, independente das obras. Em determinados momentos, Lutero era confrontado com sua total impotência diante do sistema—imagine, alguns monges convertidos afrontando a Igreja Católica Romana! Era nesses momentos de desânimo que Lutero dizia a Felipe Melancton, um de seus amigos mais chegados, teólogo da reforma geralmente esquecido por muitos e cuja biografia li um tempo atrás: “Venha, Felipe, vamos cantar o Salmo 46.”<sup>3</sup>

Vamos cantar o Salmo 46.

Agora, não sabemos como era a melodia; essa parte você terá que inventar.

Dependendo da versão bíblica que estiver usando, você verá uma espécie de título antes do verso 1. Por exemplo, a versão Almeida Revista e Corrigida tem o título “Cântico sobre Alamote, para o músico-mor entre os filhos de Coré.” *Alamote* é a palavra hebraica para uma moça. Ninguém sabe ao certo o que isso significa, mas alguns eruditos no Antigo Testamento acreditam que o Salmo era para ser entoado por uma soprano ou por um coral de mulheres. Já outros pensam que essa é uma referência a instrumentos com som de soprano, que emitem um som agradável, como flauta ou harpa.

Evidentemente, o Salmo foi escrito para ser algo agradável, transmitindo calma e tranquilidade aos ouvidos e, sem dúvidas, ao coração também.

Você perceberá que o Salmo é dividido em três estrofes, cada uma delas terminando com uma nota musical de pausa. Essa nota musical é a palavra hebraica *selah*, que aparece no final dos versos 3, 7 e 11. Ela serve como um interlúdio, uma pausa para se refletir sobre o que se acabou de cantar.

Para elaborar e parafrasear a pausa da *selah*, o compositor diria algo do tipo: “Agora, parem e pensem no que cantaram.” Ou talvez na forma de uma pergunta: “Parem aqui; o que vocês pensam disso?” Como que dizendo: “Não cantem com pressa, mas de forma reflexiva.”

*Selah* significa: desacelere e medite.

E, de fato, o que os crentes em geral precisam é de menos correria e mais calma. Não sei você, mas eu preciso neste momento em minha vida de mais *selah* e com maior frequência.

A primeira estrofe começa com as palavras: ***Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações.*** A palavra hebraica para *tribulações* vem do verbo que significa “estar restrito, apertado ou num lugar espremido.”<sup>4</sup> O que é simplesmente outra forma de dizer que você está “entre a cruz e o punhal.”

E quando você está entre a cruz e o punhal, esta canção enfatiza que Deus é um ***socorro bem presente***; em outras palavras, Ele é ajuda *imediate*; Deus é um lugar imediato onde encontramos refúgio e força quando estivermos presos e não houver uma saída.

Veja, agora, os versos 2–3:

***Portanto, não temeremos ainda que a terra se transtorne e os montes se abalem no seio dos mares; ainda que as águas tumultuem e espumejem e na sua fúria os montes se estremeçam.***

Um tempo atrás, nossa filha mais velha e seu esposo experimentaram os efeitos de um dos terremotos mais fortes a atingir Santiago, capital do Chile. O epicentro do terremoto foi a 160 km ao norte de Santiago, mas ela me disse pelo telefone estando em Santiago: “Pai, nada se compara a descer 13 andares de escada correndo, cercada de pessoas gritando e chorando, sentindo o prédio

balançando debaixo de seus pés.” Daí, ela disse: “Mas não se preocupe; eles constroem esses prédios já para resistir terremotos como este.”

Tudo bem, então; acabou a minha preocupação agora!

O salmista descreve terremotos, tsunamis e erupções vulcânicas que arrebentam montes ao meio. Todas essas coisas formam um retrato poético de que tudo na vida saiu de seu devido lugar, tudo está instável, os alicerces chacoalham; a vida que você antes teve está sendo transformada radicalmente.

Se você ler o início do verso 2, verá a frase: *Ainda que a terra se transtorne*; e essa frase pode ser traduzida da seguinte forma: ainda que a terra “mude de mãos.”<sup>5</sup>

O contexto histórico deste Salmo é a ameaça do rei assírio Senaqueribe a Jerusalém. Senaqueribe conquistou o Egito em 710 a.C., e veio saqueando, matando e subjogando todas as cidades ao longo do caminho; em meio a essas cidades, a insignificante Jerusalém atrapalha seu caminho. Então, Senaqueribe envia um mensageiro que entrega uma carta ao rei Ezequias; a carta diz basicamente: “Aqui está o que farei com Jerusalém.”

Diante da terrível ameaça, o povo de Jerusalém entra em pânico; todos gritam, choram e exigem que o rei faça alguma coisa! Ezequias, por sua vez, sabe que não tem chance alguma diante da poderosa máquina de guerra assíria que chega aos portões da cidade e a cerca.

Mas Ezequias pega a carta de Senaqueribe, vai ao templo e coloca a carta diante do Senhor, como que dizendo: “Senhor, Tu precisas ler isto!” O profeta Isaías vai ao rei Ezequias e o louva por encontrar refúgio em Deus e o desafia a não considerar a possibilidade de fazer uma aliança ou mesmo se render à Assíria—confie em Deus

somente. De fato, todas as evidências externas pareciam apontar de forma bastante óbvia que a terra estava *se transtornando* ou *mudando de mãos*.

Deus, porém, mantém Sua palavra e 185 mil soldados assírios morrem na noite anterior ao ataque—algum tipo de doença repentina—e Senaqueribe volta mancando a Nínive, onde é posteriormente assassinado. Lemos os detalhes desse acontecido em 2 Reis 18–19.

Foi a partir desse contexto que o Salmo 46 foi composto para a nação inteira entoar. Não havia saída, nenhum caminho por entre as dificuldades, nenhum lugar para ir—a não ser Deus. Os israelitas estavam entre a cruz e o punhal.

A propósito, não ignore a repetição da expressão *ainda que*, ou “embora;” ela ocorre duas vezes de forma explícita nessa primeira estrofe, e mais duas vezes de forma implícita. Deus é o meu refúgio e não temerei:

- *Ainda que a terra se transtorne*;
- *Ainda que os montes se abalem no seio dos mares*;
- *Ainda que as águas tumultuem e espumejem*;
- *Ainda que os montes se estremeçam*.

Foi impossível não pensar: o que é o *ainda que* que encaramos neste exato momento? Deus é o meu refúgio:

- Ainda que tenha falido em meus negócios;
- Ainda que o meu casamento tenha terminado;
- Ainda que tenha perdido meu emprego;
- Ainda que um amigo chegado tenha me traído;

- Ainda que tenha perdido a minha casa;
- Ainda que minha poupança tenha sido roubada;
- Ainda que os médicos não tenham solução alguma no momento;
- Ainda que o meu relacionamento tenha terminado;
- Ainda que tenha acabado de voltar de um funeral;
- Ainda que um acidente tenha acabado de acontecer;
- Ainda que não tenha esperado esse desastre.

Ainda que... ainda que... ainda que. O salmista nos ensina a cantar—a despeito de qualquer “ainda que,” **Deus é o nosso refúgio de fortaleza**; Ele está imediatamente disponível e ciente, mesmo quando estou preso entre a cruz e o punhal.

É aqui que o compositor insere a palavra *selah*—agora, o que vocês acham disso? Parem e pensem na primeira estrofe!

A segunda estrofe começa no verso 4: **Há um rio, cujas correntes alegam a cidade de Deus**. Esse verso possui implicações proféticas: não somente Deus é o nosso refúgio, mas também a cidade de Deus um dia será o nosso refúgio permanente; aquele reino vindouro, que é **o santuário das moradas do Altíssimo; Deus está no meio dela; jamais será abalada; Deus a ajudará desde antemanhã**.

O apóstolo João descreve essa cidade com detalhes em Apocalipse 21.2–4:

**Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.**

**Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.**

O salmista encoraja o crente não somente nos lembrando de nosso refúgio presente, mas nos fazendo olhar para o refúgio futuro, profético. Um dia, haverá paz na terra. Enquanto isso, pode haver paz no coração.<sup>6</sup>

E isso é possível, apesar de lermos no verso 6: **Bramam nações, reinos se abalam; ele faz ouvir a sua voz, e a terra se dissolve**. Não ignore o contraste aqui: as nações se amotinam e fazem um barulho ensurdecedor, mas Deus um dia erguerá Sua voz e resolverá tudo de uma vez por todas. Hoje, as nações da terra pensam que, se fizerem barulho suficiente, poderão afogar a voz de Deus. Entretanto, o salmista afirma: “Um dia, a voz de Deus será ouvida sobre todas as demais vozes da terra; Ele destruirá as nações e estabelecerá o Seu reino sobre a terra.”

E o salmista ainda diz no verso 7: “Vamos cantar sobre esse Senhor soberano. **O SENHOR dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio.**”

A propósito, estou feliz que o compositor não tenha escrito aqui: “O Deus de Davi é o nosso refúgio,” ou “O Deus de Abraão e Isaque;” mas veja que **o Deus de Jacó é o nosso refúgio**. Aquele patriarca sem fé, enganador e que tanto tropeçou; aquele homem conspirador que tentava se livrar de problemas com dinheiro; esse homem que fez uma aliança de fé com Deus, mas que nunca dependeu de Deus; esse homem que conclui mais adiante em sua vida que Deus não tinha sido tão bom para com

ele e sua família e que tudo era contra ele. Mesmo assim, Deus diz: “Estou disposto a ser conhecido como o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó—Eu também acolhi Jacó.”

E veja bem, meu querido: se Deus está disposto a acolher Jacó—a ser o Deus de Jacó—Ele também está disposto a ser o seu Deus e o meu Deus.<sup>7</sup>

Neste ponto, o salmista escreve o segundo *selah*: “Agora, parem e pensem nessas verdades. Pensem... e depois agradeçam!”

A terceira estrofe inclui os versos 8–9:

***Vinde, contemplai as obras do SENHOR, que assolações efetuou na terra. Ele põe termo à guerra até aos confins do mundo, quebra o arco e despedaça a lança; queima os carros no fogo.***

Isso aconteceu nos dias de Ezequias, e isso também acontecerá no futuro quando Deus puser fim a toda guerra.

A propósito, perceba como o mundo adora colocar em Deus a culpa pelas guerras; os incrédulos são rápidos em nos lembrar de todas as guerras lutadas em nome de Deus, de todo o sangue derramado por causa de questões religiosas—“Deus é responsável! A culpa é dEle!” E isso a despeito de que, aqui no contexto deste Salmo, os assírios terem buscado a guerra, não Jerusalém.

Não, meu amigo, Deus será um dia responsável por colocar fim a todas as guerras; e, se Ele não colocasse fim, as guerras jamais terminariam. Um dia, a humanidade transformará suas armas em ferramentas de agricultor, não porque o ser humano tenha elaborado uma resolução da ONU que teve êxito, mas porque a resolução de Deus efetuou mudança de coração; não porque o líder certo assumiu o controle do governo mundial, mas porque Deus se sentou em Seu trono em Jerusalém no reino vindouro.

Mas tenho que admitir que, no entusiasmo do Salmo, o salmista não demonstra preocupação com as confusões e amotinações das nações do mundo; seu maior interesse está na confusão e amotinação do seu e do meu coração.

Por causa disso, lemos nos versos 10–11:

***Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus; sou exaltado entre as nações, sou exaltado na terra. O SENHOR dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio.***

E a última estrofe é concluída com *selah*: “Agora, pensem no significado disso para vocês!”

O verbo hebraico traduzido como *aquietai-vos* significa “relaxar, ficar tranquilo;” e a raiz do verbo indica que essa é uma ação que nós tomamos—você é quem faz isso.<sup>8</sup>

Em outras palavras, “Pare de se inquietar, manipular, tentar orquestrar a vida! Pare de tentar assumir o controle de tudo e de todos—aquiete-se!”

O salmista, na verdade, cita as palavras de Deus aqui, e Deus diz, com efeito: “Pare de brincar de Deus e saiba que Eu sou Deus.”

- Se Eu consigo cuidar das nações, por acaso não conseguirei tomar conta de você?
- Se consigo lidar com os desafios que o mundo encara, não posso lidar com os seus?
- Se estou no controle do caos barulhento e da corrupção que assola o mundo, por acaso não estou em controle daquilo que assola a sua vida?

*Selah*—pense nisto: “Não há lugar algum entre a cruz e o punhal do qual não possa tirá-lo.”

## Conclusão

William Carey deu início à sua obra missionária no final dos anos de 1700 e serviu na Índia por 40 anos sem nunca voltar à Inglaterra. Seu trabalho ainda produz frutos hoje ao redor daquele enorme país.

Numa noite, um incêndio eclodiu em seu depósito, alastrando-se até uma imprensa que havia instalado ali. Em questão de poucas horas, anos de trabalho viraram fumaça.

Na manhã seguinte, William Carey e seus dois associados calcularam as perdas; manuscritos de quase todas as versões da Bíblia em idioma indiano haviam se perdido; o Novo Testamento inteiro em canarês; sua gramática em telugo e seu dicionário de sânscrito, o qual ele considerava ser a obra mais importante de sua vida—tudo isso estava, agora, destruído.

Após cerca de 20 anos de trabalho duro, Carey e seus colegas tinham várias traduções em forma de manuscritos; várias línguas com formas de chumbo criadas para a imprensa. Além disso, os alfabetos em formas de chumbo para impressão das seguintes línguas derreteram no fogo: hebraico, grego, persa, árabe, nagari, telugo, bengali, birmanês, punjabi, tâmil e chinês. Além dessas perdas, o fogo também destruiu instalações e ferramentas.

Um amigo de William Carey visitou a missão e depois escreveria:

*O cenário inteiro era, de fato, comovente—o grande escritório de imprensa reduzido a um mero casco; o quintal coberto de papel queimado. Carey caminhou comigo pelas ruínas em fumaça; lágrimas enchiam seus olhos. Em seguida, ele disse: “Numa noite, o trabalho de anos foi consumido. Como os caminhos de Deus são inescrutáveis. O Senhor me humilhou.” Andamos sobre o chão no qual estavam espalhados pedaços de papéis queimados, os quais continham as Palavras da*

*Vida que em breve seriam impressas. O metal sob nossos pés em meio às ruínas derreteu em forma de bolos disformes—agora lixo e fumaça.*

Alguns anos depois, Carey escreveria a um amigo, admitindo que aquele foi um golpe pesado; ele escreveu: “Ah, como a providência de Deus é escura.” Às vezes, não parece haver muita luz; nada faz sentido; não conseguimos entender.

Li em sua biografia que, no domingo seguinte, William Carey foi pregar em sua igreja. Ele havia confidenciado a um amigo seu que havia apenas um texto no qual poderia pregar; ele abriu no Salmo 46.10: ***Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus.***

Após ler esse verso, Carey pregou dois pontos em seu sermão:

- Primeiro: “O direito que Deus tem de fazer conosco o que Ele bem quiser.”
- Segundo: “O dever que o homem tem de se submeter à vontade de Deus.”

Caminhando por esses dois pontos, Carey expôs os princípios, propósitos, promessas e providência de Deus.<sup>9</sup>

Como vemos, este Salmo não é apenas o Salmo de Martinho Lutero; este é também o Salmo de William Carey. E tenho novidades para você: o desejo de Deus é que este seja o seu Salmo também.

Deixe-me sugerir três pontos de partida:

1. Primeiro, memorize o verso 1: ***Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações.***

Deus é ajuda imediata quando você se vir entre a cruz e o punhal.

2. Segundo, memorize o verso 10: ***Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus.***

Existem coisas que Ele faz sem jamais nos dar alguma explicação—assim como William Carey pregou: Ele é Deus e tem o direito de fazer conosco conforme bem quiser; e nós somos responsáveis de nos submeter ao que Ele realizar.

3. Finalmente, deixe-me encorajá-lo a cantar e talvez até a memorizar a letra do hino de Martinho Lutero, *Castelo Forte*, caso ainda não o conheça de cor.

No português, o hino diz:

*Castelo forte é nosso Deus,  
Espada e bom escudo,  
Com seu poder defende os seus,  
Em todo transe agudo.*

*Com fúria pertinaz,  
Persegue Satanás,*

*Com artimanhas tais,  
E astúcias tão cruéis,  
Que iguais não há na terra.*

*A nossa força nada faz,  
Estamos, sim, perdidos;  
Mas nosso Deus socorro traz,  
E somos protegidos.*

*Defende-nos Jesus,  
O que venceu na cruz,  
Senhor dos altos céus;  
E sendo o próprio Deus,  
Triunfa na batalha.*

Tudo isso, meu querido, para dizer que, se você se encontra entre a cruz e o punhal neste momento, sua situação não durará eternamente; Deus o conduzirá em meio a ela. O reino de Deus, por outro lado, durará eternamente—Seu reino é sempiterno.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado dia 15/11/2015

© Copyright 2015 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

---

<sup>1</sup> Adaptado de Charles R. Swindoll, *Living Beyond the Daily Grind: Volume 1* (Word, 1988), p. 132.

<sup>2</sup> Ibid.

<sup>3</sup> Lloyd John Ogilvie, *Falling into Greatness* (Thomas Nelson, 1984), p. 86.

<sup>4</sup> Swindoll, p. 133.

<sup>5</sup> John Phillips, *Exploring the Psalms: Volume 1* (Loizeaux Brothers, 1988), p. 366.

<sup>6</sup> Donald Williams, *Psalms 1–72* (Word, 1986), p. 47.

<sup>7</sup> W. Graham Scroggie, *The Psalms: Volume 1* (Pickering & Inglis, 1948), p. 265.

<sup>8</sup> Swindoll, p. 137.

<sup>9</sup> S. Pearce Carey, *William Carey* (The Wakeman Trust, 1923), pp. 288–91.